



## Elementos para a compreensão de Línguas Crioulas e Pidgins: conceitos e hipóteses

## Elements for the comprehension of Creole Languages and Pidgins: concepts and hypotheses

*Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues\**

**Resumo:** este artigo promove reunião de elementos teóricos fundamentais para a compreensão e o estudo das Línguas Crioulas e Pidgins. Tratam-se de conceitos básicos e de discussões centrais de algumas hipóteses da área da Crioulística, ciência que estuda essas línguas e variedades linguísticas. O objetivo é organizar um panorama da literatura e dos debates clássicos para, a partir das perspectivas de grandes obras crioulísticas e à luz das variadas polêmicas existentes no bojo dessa disciplina, compor repertório capaz de oferecer uma revisão a quem atua na área ou nela esteja ingressando e de apresentar um norte a quem pretenda conhecer esse consolidado campo dos estudos linguísticos. As referências encontram-se em Coelho (1880), Bickerton (1981), Mühlhäusler (1986), Couto (1996), Lang (1999), Mufwene (2001) dentre outros.

**Palavras-chave:** Contato de Línguas; Crioulística; Línguas Crioulas e Pidgins

**Abstract:** This article promotes the gathering of fundamental theoretical elements for the comprehension and study of the Creole and Pidgins Languages. These are basic concepts and central discussions of some hypotheses in the area of Crioulistics, a science that studies these languages and linguistic varieties. The objective is to organize a panorama of the literature and the classical debates to, from the perspectives of great crioulistic works and in the light of the various controversies existing in the bulge of this discipline, compose a repertoire capable of offering a revision to those who work in the area or in it is entering and a direction to those who want to know this consolidated field of linguistic studies. The references are found in Coelho (1880), Bickerton (1981), Mühlhäusler (1986), Couto (1996), Lang (1999), Mufwene (2001) among other.

**Keywords:** Language Contact; Crioulistics; Creole and Pidgins Languages

---

\* Professora adjunto da Universidade de Brasília.

Na vasta área da Linguística, ciência dos estudos da linguagem, está o campo dos estudos do Contato Linguístico ou Linguística do Contato<sup>1</sup>. Nele, a Crioulística é o ramo que estuda as línguas crioulas e pidgins, ocupando-se da gênese e dos caminhos da evolução desse tipo de língua e variedades. A relativa juventude das línguas crioulas, conforme Calvet<sup>2</sup> e Couto<sup>3</sup>, faz dessa uma área promissora para a compreensão dos fenômenos da linguagem como um todo. Por esse motivo, mas não diferindo muito de outras áreas da Linguística, essa também congrega em seu bojo conceitos assentes ou não bem como controvérsias sobre processos e hipóteses que, ainda, não se encontram categoricamente definidos ou unanimemente aceitos.

Na sequência deste artigo, eles serão expostos num recorte panorâmico que parte da essência das línguas crioulas e pidgins – definição, ciclo de vida pidgin-crioulo, processo gradual *versus* processo abrupto, processo social *versus* estrutural, descrioulização, *continuum* pós-crioulo, sistemas coexistentes – e chega às hipóteses – monogenética e poligenética, superstratista, substratista, língua mista, universalista, criativista – sobre a origem e natureza de crioulos e pidgins.

### Elementos relativos às Línguas Crioulas e Pidgins – formação e evolução

Por definição, Pidgin é um tipo de língua reduzida, resultante do extenso contato entre dois ou mais povos aloglotas. O falante de pidgin é o aprendiz adulto que possui uma gramática estabelecida e é confrontado com outra bastante diferente da sua. É meio precário de intercompreensão, numa situação de multilinguismo em cenário de contato intenso e/ou extenso.

Todd<sup>4</sup> admite que, sempre que as circunstâncias são favoráveis, surge um meio de comunicação interlinguístico que funcione como ponte entre povos aloglotas, ou seja, surge um pidgin. O pidgin é uma variedade de contato e não uma língua materna. É tão somente meio de comunicação pragmático, que supre a falta de uma gramática comunitariamente aceita. Os usuários não estabelecem ligação afetiva duradoura para com o pidgin, abandonando-o assim que possível<sup>5</sup>.

Pidgin é uma formação linguística simplificada pela queda do que é desnecessário e reduzida em número de palavras, mas compensada pela extensão de sentidos (homônima) e pelo uso de circunlocuções. A gramática do pidgin é drasticamente reduzida em relação à gramática da língua do superstrato e à gramática da língua do substrato. Essa gramática é caracterizada por pequeno número de fonemas, preferência pela estrutura silábica CV, em geral em vocábulos dissilábicos, ausência quase total de morfologia derivacional e flexional, funções sintáticas que são indicadas, preferencialmente, pela ordem SVO e por léxico bastante reduzido.

Exemplo de pidgin é o que teria surgido no Brasil do século XVI ao XIX<sup>6</sup>. Os diversos grupos etnolinguísticos africanos, deslocados da África para trabalharem como escravos nas plantações de

---

<sup>1</sup> MELLO, Heliana. Formação do Português Brasileiro sob a perspectiva da Linguística do Contato. In: MELLO, H.; ALTHENHOFEN, Cléo V.; TOMMASO, Raso. *Os Contatos Linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011

<sup>2</sup> CALVET, Jean-Louis. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. 4ª. Ed. São Paulo: Parábola, 2002.

<sup>3</sup> COUTO, Hildo Honório do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

<sup>4</sup> TODD, Loreto. *Pidgins and creoles*. New Edition. Routledge, New York, 1992, p. 194.

<sup>5</sup> BICKERTON, Derek. Creolization, linguistic universals, natural semantax and the brain. In: DAY, Richard R. (ed.) *Issues in English Creoles*. Heidelberg: Julius Groos Verlag (original de 1974), 1980, p. 173.

<sup>6</sup> GUY, Gregory R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. University of Pennsylvania, 1981, pp. 313-322.

açúcar das colônias do Novo Mundo, teriam encontrado no Brasil cenário favorável à criação de um pidgin, que, mais tarde, com suceder do tempo e das gerações, teria evoluído e se transformado em crioulo, o provável crioulo brasileiro da costa canavieira.

No início do contato de povos de línguas diferentes, embora os indivíduos possam simplificar e reduzir a própria língua em bases *ad hoc*, o resultado é um *jargão* sem normas fixas. Com o passar do tempo, o pidgin fica mais estável com a presença de normas de significado, pronúncia e gramática, mas pode haver ainda variação resultante da transferência dos traços da língua dos falantes de primeira língua. Conforme Hall<sup>7</sup>, um pidgin surge quando uma situação de emergência exige comunicação num nível mínimo de compreensão e, passado algum tempo, ele se torna a língua materna da comunidade, um crioulo.

Logo, crioulo é uma língua advinda de um jargão ou de um pidgin. Todos os crioulos conhecidos surgiram do contato de povos multilíngues. Geralmente, um dos grupos de falantes é considerado de cultura e língua superiores, o *superstrato* ou língua dominante e leixificadora, e o outro é considerado de língua e cultura inferiores, o *substrato* ou língua dominada. Esses últimos, quase sempre, são deslocados geograficamente e forçados a perder a língua original e a identidade sociocultural. Tais condições sociais geralmente são resultado de escravidão. Todavia, Todd<sup>8</sup> apresenta a contraposição de Hall de que nem toda crioulização ocorre em condições de escravidão, mas que pode se desenvolver também quando grupos multilíngues se formam por vontade própria.

Contudo, o que se tem de assente na área da Crioulística é que as línguas crioulas, em sua maioria, surgem em ilhas ou regiões isoladas e a comunidade quase sempre é exógena, ou seja, é formada por povos que vêm de outros lugares para determinado local em que se dá a formação de uma nova língua, o crioulo. Esses dois critérios são conhecidos, respectivamente, como insularidade e exogeneidade da população. Ao contrário do pidgin, o crioulo é língua nativa de uma comunidade inteira e, não raro, torna-se a língua nacional de um País.

Para Holm<sup>9</sup>, crioulos são produtos de inovação e reestruturação, dada a idade madura dos falantes escravos que foram trazidos da África para o Novo Mundo, quando o esforço intelectual necessário para o domínio de uma nova língua já não estava mais tão eficiente. Para Lang<sup>10</sup>, a crioulização tem início quando falantes do substrato moldam “substâncias fônicas e semânticas do *foreigner talk* que eles ouvem às formas e estruturas da sua própria língua. Eles vertem a substância da língua desconhecida para novos moldes, ou seja, adaptam-na às formas das suas próprias línguas”.

Nos aspectos estruturais, o crioulo apresenta léxico menos numeroso do que aqueles das línguas de superstrato e substrato. O número de fonemas é menor do que o das línguas que entraram em sua formação. Há quase total ausência de morfologia derivacional e flexional. As funções sintáticas são indicadas preferencialmente pela ordem, em geral SVO, e há clara preferência pela estrutura silábica CV, em geral, em vocábulos dissilábicos. Geralmente as palavras interrogativas do crioulo são bimorfêmicas, incluindo-se as perguntas Qu-. No crioulo da Guiné Bissau, por exemplo, não se pergunta “quando você chegou?”. Tal pergunta pode ser formulada de outras maneiras, como *kal dia* ki bu bin? quando você veio?<sup>11</sup>.

Na maioria dos crioulos, como Caboverdiano, Haitiano, Guineense, Papiamentu e São-

<sup>7</sup> HALL Jr., Robert A. The life-cycle of pidgin languages. In: *Lingua*, 78, 1962, pp. 152-155

<sup>8</sup> TODD, Loreto. *Pidgins and creoles*. New Edition. Routledge, New York, 1992, p. 193.

<sup>9</sup> HOLM, John. *Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p. 133.

<sup>10</sup> LANG, Jürgen et. O Crioulo de Santiago (Cabo Verde): exotismo de aparência românica. In: *Actas do Workshops sobre Crioulos*, 1999, p. 51.

<sup>11</sup> COUTO, Hildo Honório do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, p. 43.

Tomense, entre outros, o sentido de existência e de posse são indicados por meio de verbo único, como em *N tene dus mangu* (Guineense) para *Eu tenho duas mangas*<sup>12</sup>. Em praticamente todos os crioulos do mundo, independentemente das línguas que entraram em sua formação, a ordem sentencial SVO é a menos marcada. Como os crioulos não dispõem de caso e, quase sempre, de preposições para marcar as funções sintáticas, essa ordem é fixa. Em outros termos, a posição que os lexemas ocupam nas palavras é o que indica sua função sintática.

No tocante às regras de movimento, podem ocorrer alterações intencionais, geralmente à esquerda, para enfatizar determinado elemento, com base na ordem canônica SVO, que é um dos universais da crioulição. Como exemplo disso, a frase do crioulo inglês do Havaí, organizada em conformidade com a ordem canônica SVO: *Jan bin sii wan uma* para *João tinha visto uma mulher*. O desenvolvimento de estratégias para orações relativas, mesmo sem marca superficial de relativização, e a cópia do sujeito são características básicas dos crioulos. Elas servem para focalizar determinado constituinte da sentença. É o que atesta o exemplo: *wan a dem a di man bin get di bam* (Guianense) para *um deles era o homem QUE tinha a bomba*<sup>13</sup>.

Na formação ou ciclo de vida pidgin-crioulo, estudiosos preveem possibilidades de estágios e etapas variadas. Na opinião de Todd<sup>14</sup>, podem ocorrer ou coocorrer quatro etapas. Na primeira, o contato marginal de comerciantes e aventureiros com os nativos, na África, Ásia, América ou Austrália, usando inglês simplificado. Na segunda, a nativização do pidgin que seria expandido entre nativos de línguas mutuamente ininteligíveis. Numa terceira etapa, a influência da língua dominante quando o pidgin tiver passado a língua materna. Na quarta, as variedades intermediárias entre o crioulo e a língua-base, ou seja, o *continuum* pós-crioulo. Essas etapas podem coexistir, não havendo fase em que se possa dizer que pidgins param e Crioulos começam em determinado ponto<sup>15</sup>.

Na versão de Mühlhäusler<sup>16</sup>, no ciclo de vida pidgin-crioulo, pode haver transformação do jargão inicial diretamente em crioulo, como no Havaiano; pode ocorrer estabilização desse jargão antes do processo de crioulição, como no crioulo inglês de Torres Straits; mas pode também haver estabilização e expansão do jargão inicial, como no Tok Pisin da Nova Guiné.

Na visão de Siegel<sup>17</sup>, ocorrem três fases interligadas: nivelamento por adultos, aquisição de mistura de traços por criança e nivelamento subsequente por crianças. Na primeira, os contatos iniciais, há mistura de variantes do superstrato e do substrato. Do superstrato, vêm dialetos regionais e sociais, versões de fala de estrangeiro, segundas variedades de língua de estrangeiros, pidgins e crioulos existentes com a mesma língua do lexificador, segundas versões de língua pidgins estáveis ou crioulos existentes. Do substrato, formas ouvidas previamente pidginizadas do superstrato, línguas francas indígenas, versões de conversa de estrangeiro dessas línguas, segundas versões de língua de vários modelos de superstrato com alguma transferência de primeiras línguas, pidgins estáveis e/ou crioulos existentes, segundas versões de língua pidgins estáveis ou crioulos existentes.

Na segunda fase, acontece o nivelamento dessas variedades, quando as várias versões do superstrato se transformam em meio de comunicação principal entre falantes de substrato diferente, e estes formam uma comunidade, na qual as formas mais comuns têm maiores chance de

---

<sup>12</sup> Ibid., p. 44.

<sup>13</sup> BICKERTON, Derek. The language bioprogram hypothesis. *The brain and behavioral sciences* 7, 2, 1981, pp. 173-221.

<sup>14</sup> TODD, Loreto. *Pidgins and creoles*. New Edition. Routledge, New York, 1992, pp. 50-59.

<sup>15</sup> Ibid., pp. 64-65.

<sup>16</sup> MÜHLHÄUSLER, Peter. *Pidgin and creole linguistics*. Basil Blackwell, Oxford, 1986, pp. 03-04.

<sup>17</sup> SIEGEL, Jeff. Mixing, leveling, and pidgin in creole development. In: SPEARS, A. K.; WINFORD, D. (editors). *The structure and status of pidgins e creoles*. Vol. 19. Creole Language Library. John Benjamins Publishing Company, 1997, pp. 132-133.

sobrevivência. E, numa terceira fase, o nascimento dos filhos dos primeiros falantes acelera o nivelamento. Embora, primeiro, elas aprendam a primeira língua de seus pais, a interação com outras crianças e seu *input* pode incluir uns ou outros traços de algumas das fontes listadas acima.

Para Mufwene o processo pode ser explicado em três diagramas: nas fileiras superiores (1) está o contato das variedades metropolitanas dos colonos europeus; nas medianas (2) está a “piscina de traços”; nas fileiras finais (3) estão as variedades que diferiam das variedades metropolitanas. Nas fileiras medianas, os traços associados com as mesmas ou semelhantes funções gramaticais competem entre si e traços semelhantes reforçaram um ao outro, assim foram reestruturados pelas novas variedades a maneira como os traços foram ajustados aos novos sistemas bem como as combinações particulares de traços<sup>18</sup>.

Couto informa que Chaudenson e Alleyne descartam o estágio intermediário entre pidgin e crioulo por entenderem que a pidginização/crioulização é um processo contínuo que só termina com a perda da língua africana ou com a adoção da língua dominante. Chaudenson considera a crioulização como uma aculturação rumo à língua dominante. E Alleyne completa que o processo de pidginização/crioulização deve-se a aproximações sucessivas dos falantes de substrato à língua dominante, ou seja, resultam de uma desaculturação<sup>19</sup>.

Relativamente ao fato de ocorrer processo social ou estrutural na origem do ciclo de vida pidgin-crioulo, Hall afirma que um pidgin pode ser identificado através de critérios linguísticos e sociais em qualquer momento, mas crioulo só pode ser identificado por critérios históricos<sup>20</sup>.

Na concepção de Thomason, a causa principal do contato linguístico é sociohistórica, mas podem co-ocorrer causas estruturais, que são fatores secundários na determinação dos resultados da mudança motivada por contato<sup>21</sup>. Não é adequado identificar crioulos por meio de características gramaticais, posto não haver característica exclusiva ou universal em línguas consideradas crioulas, consoante a autora<sup>22</sup>; o que existem são pidgins e crioulos sociohistoricamente prototípicos. O crioulo prototípico é a língua principal de uma comunidade e possui todos os recursos linguísticos que uma língua usual apresenta em léxico e em estrutura. Exemplos são o Pitcairnense, Tok Pisin moderno, o Chinook Jargon e vários crioulos caribenhos.

No ponto de vista de Mufwene<sup>23</sup>, o processo é sempre social, e o tipo de variação existente entre crioulos não dá base para a afirmação de que alguns crioulos sejam mais prototípicos sociohistoricamente do que outros, como defendido por Thomason no parágrafo anterior, ao mesmo tempo em que não há sustentação para afirmações como as de McWhorter<sup>24</sup> de que haja um crioulo estruturalmente prototípico definido por três características sincrônicas reunidas: (1) falta de afixos flexionais, (2) nenhum uso de tom para contrastar monossílabos ou codificar sintaxe, e (3) afixos derivacionais com contribuição semântica transparente.

---

<sup>18</sup> MUFWENE, Salikoko. *The ecology of language evolution*. Cambridge University Press, 2001, p. 04-07.

<sup>19</sup> COUTO, Hildo Honório do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, p. 184.

<sup>20</sup> HALL Jr., Robert A. The life-cycle of pidgin languages. In: *Lingua*, 78, 1966, pp. 122-123

<sup>21</sup> THOMASON, Sarah G. A typology of contact languages. In: SPEARS, A. K.; WINFORD, D. *The structure and states of pidgins and creoles*. Amsterdam: John Benjamins, 1997, pp. 73-88; 264-278.

<sup>22</sup> *Ibid*, p. 73.

<sup>23</sup> MUFWENE, Salikoko. Creolization is a social, not a structural, process. In: NEUMANN-HOLZSCHUH, Ingrid; SCHNEIDER, Edgar W. (eds.). *Degrees of restructuring in Creole Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000, pp. 66-67.

<sup>24</sup> MCWHORTER, John H. Identifying the creole prototype: vindicating a typological class. In: *Language*. Volume 74, n. 4, 1998, p. 809.

No entendimento dos autores Thomason e Kaufman<sup>25</sup>, os linguistas históricos precisam abandonar a postura tradicional de considerarem a possibilidade de motivação externa para alguma mudança apenas quando todas as tentativas para encontrar motivação interna falharem e que, quando uma motivação interna fraca é menos convincente do que uma motivação externa forte, os estudiosos deveriam se lembrar da possibilidade da “múltipla causalidade”.

Quanto ao processo evolutivo pidgin-crioulo ocorrer de modo gradual ou abrupto, Bickerton<sup>26</sup> destaca que, pelo modo gradual, haveria divergência progressiva de dialetos relacionados, como o que ocorreu com o Latim após a queda do Império Romano. Pelo modo abrupto ou catastrófico, novas línguas surgiriam no espaço de, no máximo, uma ou duas gerações, como no caso dos crioulos. Bickerton<sup>27</sup> relata que antes de 1530 não existia o São-Tomense; antes de 1650, não havia o Sranan; antes de 1690, não existia o Haitiano; antes de 1880, não havia o Havaiano. Entretanto, essas línguas passaram a existir a duas ou três décadas depois.

Mufwene<sup>28</sup> é a favor da evolução gradual nos crioulos a partir da língua lexificadora, ressaltando que isso não sugere progresso de um estado menos satisfatório para um mais satisfatório, nem de um sistema mais simples a um mais complexo ou vice e versa. Os vernáculos crioulos surgidos nas ilhas do Atlântico e Índico e colônias litorais passaram por basilectalização gradual, como é o caso do Gullah, crioulo do litoral da Carolina do Sul e da Geórgia nos EUA, desenvolvido no mesmo período de tempo que outros vernáculos do Inglês Americano.

Nas sociedades de habitação, como os brancos estavam em número maior, em vez de selecionar um único dialeto como a sua língua franca, os falantes de superstrato desenvolveram um dialeto colonial que era novo e incluía os traços comuns, porém distintivos uns dos outros. Essa coíne teria servido de base para ser misturada com a fala dos africanos. Nesse contexto, Mufwene<sup>29</sup> explica que as pressões que adultos de diferentes grupos etnolinguísticos sofreram para aprender elementos linguísticos diferentes em tempo menor do que uma criança em fase de aquisição de sua língua nativa resultaram na evolução diferenciada dos pidgins e crioulos.

Na opinião de Lefebvre e Lumsden<sup>30</sup>, a mudança ocorre de forma drástica e abrupta, posto que as línguas crioulas são formadas em uma ou duas gerações e que são claramente distintas das suas línguas de base, o que difere de mudança gradual de língua durante séculos. Holm<sup>31</sup> relata que Van Name postula mudança acelerada, não essencialmente diferente ou mais extensa do que ocorreu entre Latim e Francês, mas muito mais rápidas e com ritmo mais forte e violento, sendo duas ou três gerações suficientes para ocorrer uma transformação completa.

No ponto de vista de Thomason<sup>32</sup>, em alguns casos, mudança motivada por contato não rompe linhas genéticas da evolução de uma língua, mas, em outros ela é abrupta sem qualquer sequenciamento ou linearidade. Esses casos extremos são aqueles nos quais a disponibilidade da língua-alvo era tão limitada que os falantes conseguiram adquirir somente o vocabulário dessa língua,

---

<sup>25</sup>THOMASON, Sarah G.; KAUFMAN, Terrence. *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. University of California Press, Berkeley, Los Angeles, Oxford, 1991, p. 213.

<sup>26</sup>BICKERTON, Derek. Creole languages and the Bioprogram. In: NEWMAYER, F. J. (org.). *Linguistics*, vol II. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 268.

<sup>27</sup>BICKERTON, Derek. *Roots of Language*. Ann Arbor: Karoma, 1981.

<sup>28</sup>MUFWENE, Salikoko. *The ecology of language evolution*. Cambridge University Press, 2001, p. 09.

<sup>29</sup>Ibid., p. 196.

<sup>30</sup>LEFEBVRE, Claire; LUMSDEN, John S. Le role central de la celexification dans la genèse des langues créoles. In: *Plurilinguismes, creolistique et grammaire generative*. No. 8. CERPL, 1994, p. 48.

<sup>31</sup>HOLM, John. *Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p. 133.

<sup>32</sup>THOMASON, Sarah G. A typology of contact languages. In: SPEARS, A. K.; WINFORD, D. *The structure and states of pidgins and creoles*. Amsterdam: John Benjamins, 1997, pp. 274.

mas pouco ou quase nada de sua gramática. Isso aconteceu com o Crioulo Mauriciano, das Ilhas Seicheles, e alguns dos Crioulos caribenhos que passaram pela chamada “crioulização abrupta”.

Na rota evolutiva de uma língua crioula, a polêmica noção de descrioulização. Em linhas gerais, esse seria o processo mudança de uma língua crioula rumo à sua língua lexicadora ou língua-alvo. Na concepção de Alleyne<sup>33</sup>, a crioulização resulta da desaculturação/aculturação do africano em direção ao europeu e que o crioulo tenderá a ser modificado na direção da língua-modelo e, se superstrato e substrato continuarem próximos, ele tenderá a desaparecer com a continuidade do processo de aculturação. Chaudenson<sup>34</sup> completa que descrioulização corresponde às últimas etapas do processo aculturativo.

Para Thomason e Kaufman<sup>35</sup>, descrioulização é um processo de empréstimo que envolve a convergência para a estrutura da língua de base lexical e no qual a população de fala crioula muda gradualmente por empréstimo estrutural e lexical para a língua de superstrato. Bickerton<sup>36</sup>, por seu turno, define descrioulização como parte do desenvolvimento de uma língua crioula, quando em contato direto e prolongado com seu superstrato. Nesse caso, ocorre mudança não-espontânea, isto é, mudança alheia à vontade do falante, inconsciente, e devida à influência de outra língua.

Mufwene<sup>37</sup> é contrário ao termo e ao conceito de descrioulização, retrucando não existir língua ex-crioula e que descrioulização é uma “interpretação infeliz” em uma linguística que tem sido praticada, principalmente, por estudiosos da classe média branca que parecem não compreender que as populações desprivilegiadas não querem se comparar com eles ou falar a língua de sua classe.

Na opinião de Tarallo<sup>38</sup>, alguns estágios são necessários até que ocorra a descrioulização: contínuo pré-pidgin, pidgin cristalizado, pidgin em processo de despigginização (reabsorção pela língua-fonte), pidgin em processo de crioulização, crioulo cristalizado, crioulo em processo de descrioulização e, finalmente, *contínuo pós-crioulo*. Todd<sup>39</sup> destaca que o *continuum* pós-crioulo ocorre quando surgem variedades intermediárias entre o crioulo e a língua europeia padrão.

A noção de *continuum* relacionada à descrioulização estava presente nos estudos dialetológicos de línguas românicas e germânicas durante pelo menos um século, consoante Holm<sup>40</sup>, que informa que a noção de variedades crioulas coexistentes a distâncias diferentes do padrão remonta ao século XVIII, mas foi DeCamp o primeiro linguista a aplicar esse termo à gradação de variedades entre o Crioulo padrão e o Inglês no Caribe.

Decamp<sup>41</sup> argumenta que uma língua crioula pode continuar sem mudança nas fases finais, como o Haitiano. Pode ser extinto, como o Negerhollands. Pode evoluir para “língua normal”, mas dificilmente há exemplos documentados desse tipo, sendo complicado definir o que seria língua

---

<sup>33</sup> ALLEYNE, Mervin. Acculturation and the cultural matrix of creolization. In: HYMES, Dell. *Pidginization and creolization of languages*. Cambridge University Press, 1971, p. 182.

<sup>34</sup> CHAUDENSON, Robert. Toward the reconstruction of the social matrix of Creole Languages. In: VALDMAN, Albert. *Pidgin and Creole Linguistics*. Indiana University Press. Bloomington, 1977, pp. 259-276.

<sup>35</sup> THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence. *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. University of California Press, Berkeley, Los Angeles, Oxford, 1991, p. 203.

<sup>36</sup> BICKERTON, Derek. Creolization, linguistic universals, natural semantax and brain. In: DAY, Richard R. (ed.) *Issues in English Creoles*. Heidelberg: Julio Groos Verlag (original de 1974), p. 112-113, 1980.

<sup>37</sup> MUFWENE, Salikoko. *The ecology of language evolution*. Cambridge University Press, 2001.

<sup>38</sup> TARALLO, Fernando. ALKMIN, Tânia. *Falares crioulo: línguas em contato*. Editora Ática, São Paulo, 1987, pp. 106-107.

<sup>39</sup> TODD, Loreto. *Pidgins and creoles*. New Edition. Routledge, New York, 1992, pp. 64-65.

<sup>40</sup> HOLM, John. *Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, pp. 55-56.

<sup>41</sup> DECAMP, David. The development of pidgin and creole studies. In: VALDMAN, Albert. *Pidgin and creole linguistics*. Indiana University Press. Bloomington, 1977, p. 350-351.

“não-crioula” ou ‘ex-crioula’. Pode, também, fundir-se gradualmente com a língua padrão, como o Jamaicano. Entretanto, não é possível identificar com exatidão os fatores sociolinguísticos que determinam os rumos que serão trilhados pelo crioulo.

Esse autor<sup>42</sup> criou o modelo da escala implicacional para o *continuum* pós-crioulo jamaicano. Ele organizou traços linguísticos variáveis de sete falantes num *continuum*, de acordo com o uso ou não de características linguísticas. Após organizar a estrutura do *continuum* por critérios linguísticos, os falantes foram identificados socialmente. E, então, foi possível identificar camponeses, idosos e analfabetos como grupos de falantes mais próximos do crioulo, o que trouxe a constatação de que o correlato sociológico da variação linguística inclui fatores como sexo, idade, escolaridade, renda, profissão entre outros, ou seja, é multidimensional.

Ao estudar o Guianense, Bickerton<sup>43</sup> identificou que esse crioulo forma um *continuum* ou “uma única, se não homogênea, unidade”, segmentada em *basileto* (variedade crioula mais distinta do inglês), *acroleto* (Inglês Guianense escolarizado) e *mesoleto* (variedade intermediária entre basileto e acroleto). Os falantes mudam a gramática basileto progressivamente de forma que sua produção se aproxime de uma gramática acroletal gradualmente. Essa operação produz uma série de gramáticas que preenchem o espaço linguístico entre um crioulo e seu superstrato. Tais gramáticas formam, então, uma entidade linguística conhecida como “*continuum* crioulo”. Reiterando seu argumento, Bickerton<sup>44</sup> critica o termo “pós-crioulo”, pois sugere que crioulo original pode ter-se tornado irreconhecível ou ter desaparecido de fato.

Tsuzaki<sup>45</sup>, ao estudar o Havaiano, retomou a noção de *sistema coexistente* de Fries e Pike para poder designar essa língua como um pidgin, um crioulo ou um dialeto do Inglês, uma vez que certas línguas apresentam arranjos fonêmicos que não estão completamente em equilíbrio por conterem elementos contraditórios que podem ser analisados como sistemas fonêmicos coexistentes. Para o Havaiano, a conclusão foi a de que os sistemas básicos consistem de um pidgin Inglês, de um Crioulo Inglês e de um dialeto do Inglês, constituído de uma variedade padrão e outra não-padrão.

Reunindo as tendências anteriores, Day<sup>46</sup> pressupôs que o processo de descrioulização entra em ação para compor os vários sistemas sobrepostos em um *continuum*. Havendo elementos de um sistema recorrentes em outros, eles são coexistentes porque figuram juntos como parte de um *continuum* da fala. Desse modo, quando um crioulo e uma de suas línguas doadoras entram em contato, havendo sistemas mistos acontecendo, o resultado é um *continuum* pós-crioulo constituído por uma série de sistemas coexistentes sobrepostos que apresentam misturas condicionadas.

Day<sup>47</sup>, ao citar Bailey, traz à baila a noção de *recreolização* dentro do *continuum*, conjecturando que cada sistema de nível mais alto vem de recreolização de um primeiro sistema sob a influência e na direção do padrão. Nesse caso, descrioulização pode ser entendida como processo pelo qual, a partir dos crioulos mais antigos, novos crioulos são formados constantemente. O resultado dessa recreolização ininterrupta é um *continuum* pós-crioulo ou descrioulização gradativa.

---

<sup>42</sup>Ibid., p. 353- 354.

<sup>43</sup>BICKERTON, Derek. Creolization, linguistic universals, natural semantax and brain. In: DAY, Richard R. (ed.) *Issues in English Creoles*. Heidelberg: Julio Groos Verlag (original de 1974), 1980, p. 07.

<sup>44</sup> Ibid., p. 110.

<sup>45</sup> TSUZAKI, Stanley. Coexistent systems in language variation: the case of Hawaiian English. In: HYMES, Dell. *Pidginization and creolization of languages*. Cambridge University Press, 1971, pp. 327-340.

<sup>46</sup> DAY, Richard R. Decreolization: coexistent systems and the post-creole continuum. In: DECAMP, David; HANCOCK, Ian F. (eds). *Pidgins and creoles: current trends and prospects*. Georgetown University School of Languages and Linguistics, 1974, pp. 40-42, 44.

<sup>47</sup> Ibid., pp. 43-44.

## Elementos relativos às hipóteses sobre Línguas Crioulas e Pidgins – origem e natureza

No conjunto das hipóteses sobre a origem e a natureza das línguas crioulas e pidgins, a primeira a ser apresentada é a Hipótese Monogenética ou Monogênese. Antes de falar dessa hipótese, porém, convém ressaltar que toda e qualquer teoria que não credite fonte ou origem única para crioulos e pidgins pode ser considerada poligenética. Sobre a monogênese, inicialmente, destaca-se que ela é considerada uma das hipóteses mais consistentes em termos históricos<sup>48</sup>.

Whinnom<sup>49</sup> defendeu essa linha de pensamento ao estudar o crioulo português da ilha Ternate, quando declarou que o Ternatenho levado para as Filipinas, em 1658, havia surgido do do contato entre o Espanhol e um pidgin português-malaio e não do contato entre Espanhol e dialetos malaios, e que todas as variedades do Crioulo Espanhol das Filipinas eram continuação do pidgin-crioulo português formado na costa ocidental africana em meados do século XV.

Couto<sup>50</sup> informa que Valkhoff propôs que o Guineense, o Caboverdiano e o Principense fossem reminiscências do protocrioulo ou protopidgin português, e que Thompson sugere que alguns traços que ligam dialetos crioulos ingleses, franceses e outros da área do Caribe, como o Papiamentu, ocorrem também em dialetos crioulos portugueses do Velho Mundo, como nas ilhas de Cabo Verde, na costa da África, do subcontinente indiano, da Malásia e etc.

Trazendo mais elementos para se somarem à ideia da monogênese, Todd<sup>51</sup> adianta que, ao longo da costa ocidental da África, no século XV, os portugueses teriam usado o Sabir, língua de contato mediterrâneo, mas também o português bastardo da região. Em descrições do século XVIII, há relatos de um chinês falando em dialeto quebrado e misturado de Inglês e Português. Chaudenson<sup>52</sup> reiterou que a hipótese monogenética é a mais interessante das hipóteses e que assumir um pidgin proto-afro-português é menos censurável do que a do substrato africano comum.

A Hipótese do Jargão Náutico foi proposta por John Reinecke, em 1938, ao aventar a possível influência de uma língua náutica na origem de pidgins e crioulos, nas tripulações formadas por homens de línguas e dialetos diversos. Esse ambiente teria favorecido surgimento de um pidgin, que se teria ampliado conforme a língua materna dos aprendizes. Núcleos náuticos comparáveis justificam semelhanças e explicam dessemelhanças entre pidgins e Crioulos Ingleses. Mühlhäusler<sup>53</sup> admitiu a provável influência do “inglês de navio” na formação dos crioulos ingleses do Atlântico. E Romaine<sup>54</sup> postula a existência de um jargão náutico passado aos africanos, asiáticos e outros.

A Hipótese da Linguagem de Reconhecimento foi criada por Naro<sup>55</sup>, em 1972, para explicar a formação de pidgin português, nos meados do século XV, que teria se espalhado às várias regiões de domínio português da época e estaria na fonte de todos os crioulos de base lexical portuguesa. O

---

<sup>48</sup>COUTO, Hildo Honório do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

<sup>49</sup>WHINNOM, Keith. *Spanish contact vernaculars in the Philippine islands*. Hong Kong, Oxford University Press, 1956, p. 512.

<sup>50</sup>COUTO, Hildo Honório do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, pp. 159-160.

<sup>51</sup>TODD, Loreto. *Pidgins and creoles*. New Edition. Routledge, New York, 1992, p. 32.

<sup>52</sup>CHAUDENSON, Robert. Toward the reconstruction of the social matrix of Creole Languages. In: VALDMAN, Albert. *Pidgin and Creole Linguistics*. Indiana University Press. Bloomington, 1977, pp. 259-260.

<sup>53</sup>MÜHLHÄUSLER, Peter. *Pidgin and creole linguistics*. Basil Blackwell, Oxford, 1986, p. 98.

<sup>54</sup>ROMAINE, Suzanne. *Pidgin and creole languages*. Londres, Longman, 1988, p. 84.

<sup>55</sup>NARO, Anthony J. A Study on the origins of pidginization. In: *Language* 54, n. 2, pp. 314-347, 1978.

argumento básico é de que, por volta de 1400, D. Henrique ordenou aos religiosos do Monastério de São Bento e Santo Elói o ensino de Português aos escravos. Os portugueses, nas empreitadas das descobertas, capturavam alguns escravos que deveriam aprender rudimentos da Língua Portuguesa para servirem como intérpretes nos contatos posteriores com os nativos. O português adaptado pelos europeus não apresentava complicações morfossintáticas, e seria um sistema de comunicação utilizado por dois ou mais grupos sem competência nativa. Em peças teatrais quinhentistas e crônicas de viajantes podem ser encontrados subsídios para a comprovação dessa hipótese.

A Hipótese da Relexificação insere-se no bojo da hipótese monogenética, chegando a ser chamada de hipótese monogenética-relexificadora por alguns estudiosos, explica a origem dos crioulos a partir da reestruturação do léxico do protocrioulo português. Essa hipótese, de acordo com Couto<sup>56</sup>, foi proposta por Stewart e redefinida por Muysken, e parte da pressuposição de que crioulos de base lexical espanhola, francesa e outros seriam oriundos da relexificação do protocrioulo português. A base gramatical do protocrioulo teria sido mantida, mas o vocabulário de origem portuguesa, substituído pelo da “língua dos novos senhores”, ou seja, relexificado pelos grupos falantes da língua de superstrato.

A Hipótese Superstratista filia a origem das línguas crioulas e pidgins ao superstrato, relegando às línguas de substrato o papel de simples receptoras. Os defensores dessa hipótese pretendem desvincular pidgins e crioulos da afiliação africana. Couto<sup>57</sup> ressalta que seus defensores, como Chaudenson e Bollée, partidária da *Evolutionstheorie* que entende os crioulos como continuadores diretos das línguas europeias, talvez, tenham a “finalidade generosa de ‘elevar’ os crioulos ao nível das línguas europeias, de tirá-los do nível das línguas ‘selvagens’”.

No Brasil, os sociolinguistas Naro e Scherre<sup>58</sup> creditam a formação do Português Brasileiro (PB) à matriz europeia, e apontam o “multilinguismo generalizado entre falantes adultos que, no início do contato, não partilhavam língua comum, o contexto de colonização, as relações linguísticas e sociais assimétricas” como condições ideais ao surgimento de línguas crioulas. Todavia, argumentam que o PB resultou de uma deriva natural secular do Português Europeu (PE) e que, aqui, essa tendência teria sido reforçada pela pressão do contato de adultos de línguas variadas e da nativização desta língua nas comunidades formadas por esses falantes e seus descendentes.

A Hipótese Substratista confere ao substrato o papel central na formação de línguas crioulas e pidgins é denominada. Por ela, as especificidades dos crioulos decorrem do influxo das línguas de substrato nas línguas do superstrato. Falando sobre essa hipótese, Tarallo<sup>59</sup> comenta que Dirk Hesseling postulava que, no processo de aquisição da língua europeia, os escravos teriam partido das formas mais frequentemente ouvidas que ficaram cristalizadas em seu discurso. Os europeus, posteriormente, teriam incorporado o resultado dessa ação inicial africana.

Para Taylor<sup>60</sup> o que parece simplificação grosseira do padrão gramatical europeu pode ser a preservação de algum elemento comum a diversas línguas oeste-africanas. Nesse sentido, Alleyne<sup>61</sup> filiou geneticamente o Jamaicano e quase todos os crioulos caribenhos às línguas oeste-africanas,

---

<sup>56</sup>COUTO, Hildo Honório do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, p. 161.

<sup>57</sup> Ibid., p. 221.

<sup>58</sup>NARO, Anthony J.; & Scherre, M, Marta P. Sobre as origens estruturais do português brasileiro: criouliização ou mudança natural? In: *PAPIA*, vol. 11. Universidade de Brasília. Thesaurus Editora, 2001, p 47.

<sup>59</sup>TARALLO, Fernando; ALKMIN, Tânia. *Falares crioulos: línguas em contato*. Editora Ática, São Paulo, 1987, pp. 112-113.

<sup>60</sup> TAYLOR, Douglas. Grammatical and lexical affinities of criouls. In: HYMES, Dell (Org). *Pidginization and creolization of languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1956, p 413.

<sup>61</sup> ALLEYNE, Mervin. Acculturation and the cultural matrix of creolization. In: HYMES, Dell. *Pidginization and creolization of languages*. Cambridge University Press, 1971, pp. 170, 174-175.

argumentando que a uniformidade cultural básica de África Ocidental pode justificar semelhanças achadas em culturas de Mundo Novo, criadas pela importação de escravos de África Ocidental. As semelhanças em folclore, religião, música, língua podem ser explicadas pela homogeneidade básica dessa área cultural.

Na África e no Mundo Novo, então, ao tentarem falar Inglês ou Francês, os africanos interpretaram padrões estruturais dessas línguas em termos dos padrões nativos. Em todos os lugares, o grau de interferência de um território para outro e em território único foi determinado por fatores socioculturais, o que gerou acentuada instabilidade nos sistemas e variação linguística características de um processo aculturativo bastante dinâmico.

O termo relexificação é aplicado por Lefebvre e Lumsden<sup>62</sup> para explicar a influência das línguas de substrato na formação dos crioulos, referindo-se a ele como um processo mental que consiste em construir, em duas etapas, um novo léxico. Inicialmente, um falante copia uma entrada lexical da sua língua materna. Em seguida, substitui a forma fonológica por uma nova derivada da fonética da língua-alvo ou de superstrato. Com acesso limitado à essa língua-alvo, os falantes criam um repertório linguístico que procura reproduzir as formas fonéticas da língua de superstrato, mas conserva as propriedades semânticas e sintáticas das línguas de substrato.

Esse processo empreendido pelos falantes do substrato resulta em relexificação, em reanálise e nivelamento dialetal, segundo os autores<sup>63</sup>, que definem a reanálise como processo mental que estende ou transfere a representação fonológica de uma categoria lexical, um substantivo ou verbo, para a uma categoria funcional, um determinante ou marcador de caso, em uma mesma língua e nivelamento dialetal como processo social de negociação por parte falantes das línguas de substrato sobre qual forma adotar. Esse nivelamento tem a finalidade de diminuir a variação entre os léxicos produzidos pela relexificação de diferentes léxicos dos variados substratos. Os traços comuns à maioria das línguas de substrato, por isso mesmo considerados mais simples, serão os preferidos para permanecerem e constituírem o sistema linguístico em formação.

A Hipótese da Língua Mista liga a origem de pidgins e crioulos ao encontro de duas ou mais línguas resultantes em mistura de línguas. Os crioulistas Thomason e Kaufman<sup>64</sup> relatam que Hugo Schuhardt afirmou que toda língua apresenta algum grau de mistura e, por essa convicção, liderou a oposição contra a escola neogramática de pureza da língua e associou a expressão “língua mista” a pidgins e crioulos. Para ele, toda língua descendia de suas antecessoras, mas que alguns crioulos mudaram por completo de filiação, como do Português ao Holandês, e outros são tão mesclados que desafiam qualquer classificação. Holm<sup>65</sup> destaca que Schuhardt envolveu-se em polêmica com Meillet, defendendo que crioulos e pidgins eram línguas misturadas de algum tipo.

Couto<sup>66</sup> ressalta que Lucien Adan articulou a proposta teórica de que os crioulos seriam realmente línguas mistas, constituídas por “gramática indígena e vocabulário europeu” e que Taylor, Adam e Sylvain são considerados “clássicos” da mescla linguística. Whinnom<sup>67</sup> defende a hipótese da mescla ou mistura, afirmando que há dialetos que são originários de um processo simples de

---

<sup>62</sup> LEFEBVRE, Claire; LUMSDEN, John S. Le role central de la celexification dans la genèse des langues créoles. In: *Plurilinguismes, creolistique et grammaire generative*. No. 8. CERPL, 1994, pp. 48-50.

<sup>63</sup> *Ibid.*, pp. 232-233.

<sup>64</sup> THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence. Contact-induced language change: possibilities and probabilities. In: *Akten des essener kolloquiums über kreolsprachen und sprachkontakte*. Bochum: Brockmeyer, 1986, pp. 151-152.

<sup>65</sup> HOLM, John. *Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, pp. 02-03

<sup>66</sup> COUTO, Hildo Honório do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996, 126.

<sup>67</sup> WHINNOM, Keith. Linguistic hybridization and the ‘special case’ of pidgins and creoles. In: HYMES, Dell. *Pidginization and creolization of languages*. Cambridge University Press, pp. 11-112, 1971.

hibridização primária, e há dialetos que, como Jamaicano, são oriundos de uma sucessão mais complexa de hibridização secundária, hibridização terciária, criouliização e descreolização.

No Brasil, Tarallo e Alkmin<sup>68</sup> argumentam a favor da mescla linguística, estabelecendo uma distinção entre mescla intracomunidade e mescla inter-comunidades. Enquanto a mescla intracomunidade relaciona-se a variantes que convivem em uma comunidade de fala, onde só uma língua é falada, a mescla inter-comunidades, refere-se a línguas distintas que coexistem e se misturam numa mesma comunidade. É nessa última tipologia de mescla linguística que se inscreve(m) o(s) processo(s) de pidginização/criouliização. Para Thomason e Kaufman<sup>69</sup>, nesse sentido, pidginização/criouliização constitui aspecto do fenômeno mais amplo do contato de línguas.

Na perspectiva de Siegel<sup>70</sup>, quando as condições sociais se mostram adequadas para o aparecimento de um crioulo, traços de substrato que se tornaram parte de um pidgin estável juntam-se ao conjunto de traços na comunidade de europeus e africanos. Nesse caso, a influência do substrato manifesta-se na língua em formação na comunidade como transferência nas fases iniciais e reforço posterior. Para Lang<sup>71</sup>, criouliização pressupõe “mistura” ou ligação de línguas, sendo a ligação um elemento fundamental. A qualificação de uma língua como crioula é mais plausível quanto mais vestígios ela mantiver deste processo, que é indispensável na aquisição não dirigida de uma segunda língua”.

No passado, as teorias da mistura foram prejudicadas porque seus defensores não conseguiram exprimir corretamente suas intuições, na visão de Lang<sup>72</sup>, que diz não ser verdadeiro o argumento de que “o léxico de um qualquer crioulo 'europeu' seja europeu e que a sua gramática seja, p. ex., africana (...). E tão pouco é verdade que as expressões sejam europeias e que os seus conteúdos sejam africanos.” Nesse pensamento inscreve-se a ideia de que os criouliizadores precisavam recorrer ao som e ao seu presumível sentido global na fala do europeu. Na pressão do meio para comunicação, eles tentavam moldar essas substâncias àquelas que eles conheciam em suas próprias línguas. Logo, o processo é de mistura linguística e o resultado é uma língua mista.

A Hipótese do Denominador Comum ou Desenvolvimento Paralelo pode ser considerada uma variante da hipótese anterior. Por ela, o processo de pidginização/creolização aconteceu em tempos e lugares diferentes, sob circunstâncias paralelas que produziram resultados semelhantes<sup>73</sup>. Em defesa dessa ideia, Hall<sup>74</sup> afirmou que a fonte da gramática e do vocabulário dos pidgins pode ser encontrada em traços das línguas envolvidas, e que, por ter sido essa fonte drasticamente reduzida, chega-se a um denominador comum de tais línguas. Mühlhäusler<sup>75</sup> apresenta restrições, afirmando existirem construções que não são atribuíveis a nenhum das línguas de base, como acontece no Tok Pisin com a distinção, na primeira pessoa do plural dos pronomes pessoais, entre inclusivo e exclusivo.

---

<sup>68</sup> TARALLO, Fernando; ALKMIN, Tânia. *Falares crioulos: línguas em contato*. Editora Ática, São Paulo, 1987, pp. 09-14.

<sup>69</sup> THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence. Contact-induced language change: possibilities and probabilities. In: *Akten des essener kolloquiums über kreolsprachen und sprachkontakte*. Bochum: Brockmeyer, 1986, pp. 152-153.

<sup>70</sup> SIEGEL, Jeff. Mixing, leveling, and pidgin in creole development. In: SPEARS, A.K.; WINFORD, D. (editors). *The structure and status of pidgins e creoles*. Vol. 19. Creole Language Library. John Benjamins Publishing Company, 1997, p. 137.

<sup>71</sup> LANG, Jürgen et. O Crioulo de Santiago (Cabo Verde): exotismo de aparência românica. In: *Actas do Workshops sobre Crioulos*, 1999, p. 51.

<sup>72</sup> Ibid, p. 52.

<sup>73</sup> HOLM, John. *Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, pp. 51-52.

<sup>74</sup> HALL Jr., Robert A. The life-cycle of pidgin languages. In: *Lingua*, 78, 1966, p. 180.

<sup>75</sup> MÜHLHÄUSLER, Peter. *Pidgin and creole linguistics*. Basil Blackwell, Oxford, 1986.

A hipótese universalista postula os crioulos são criados, inventados pelas crianças. Adolfo Coelho<sup>76</sup>, considerado por muitos estudiosos como o pai dos estudos crioulos, adiantou que crioulos e “formações semelhantes não revelam influência alguma directa, salvo no vocabulário, das línguas anteriores dos povos que os falam, mas que se deve ver neles apenas o resultado da acção de leis gerais a que obedece por toda parte o espírito humano”.

No entanto, foi Bickerton<sup>77</sup> quem formulou a hipótese ao desenvolver a teoria conhecida como Bioprograma Genético, cogitando que, nas sociedades de plantação, devido à precariedade do modelo para as crianças, a faculdade de linguagem, dom biológico da espécie humana, atuou intensamente. Isso porque, naqueles contextos, o número dos europeus era insuficiente para o domínio razoável do superstrato pelos escravos, falantes de substrato. Sendo assim, os escravos ladinos (que aprenderam rudimentos do Português) passaram a forma pidginizada aos escravos boçais (que desconheciam o Português) recém-chegados como modelo, e os primeiros filhos de escravos adquiriram essa variedade pidginizada da língua dos senhores como língua materna.

Logo, por esse raciocínio, pidginização é segunda língua que se aprende com *input* restringido, e crioulação é primeira língua que se aprende com *input* restringido, sendo que os chamados universais linguísticos, formas menos marcadas em todas as línguas do mundo, aparecem apenas na crioulação. Como o pidgin é um modelo empobrecido da gramática dos grupos em situação de contato, a criança tenderá a expandi-lo, interiorizando regras linguísticas para as quais não havia dados primários. Tais regras devem ser derivadas diretamente da faculdade de linguagem.

Na concepção de Bickerton<sup>78</sup>, a aprendizagem de primeira ou segunda língua é um processo criativo e não imitativo. Desse modo, as línguas crioulas não foram adquiridas por métodos indutivos, mas foram inventadas por crianças que, tendo um vocabulário “degenerado” do pidgin e conseguem, transformá-lo em uma língua nativa totalmente viável. Diante da inviabilidade de aprenderem a língua crioula com suas mães, essas crianças desenvolvem-na, sendo esta a situação em que se pode dizer que a aprendizagem é feita pelas mães aprendendo com suas filhas e filhos. Nessa perspectiva, crioulos das mais diversas fontes tem semelhança estrutural; as divergências entre eles, no entanto, devem-se à influência posterior do superstrato.

Num outro extremo, é salientado por Thomason e Kaufman<sup>79</sup> que a criança depende da produção linguística dos seus pais para uma extensão crucial da aprendizagem e que tendências estruturais universais baseadas em não-marca ou no bioprograma são relevantes onde as estruturas das línguas substratais não coincidem, mas os falantes “inconstantes” terão tendência à retenção onde essas estruturas coincidem tipologicamente. Isso só não acontecerá se a pressão exercida pela presença de uma língua-alvo disponível empurrar numa outra direção.

A Hipótese Criativista é de caráter histórico-evolucionista elaborada para explicar que, num ambiente de contato de povos aloglotas, geralmente, ocorre a criação de um meio de comunicação interétnica (MIC) onde todos, ao interagirem de alguma forma, colaboram para o seu formato. Essa forma de comunicação dispõe dos recursos circunstanciais, mas não se caracteriza como uma aprendizagem imperfeita da língua de superstrato.

---

<sup>76</sup> COELHO, Adolfo. Os dialetos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 2ª série, 3:129-196. Reimpresso in: MORAIS-BARBOSA, Jorge. 1967. *Estudos linguísticos crioulos*. Academia Internacional da Cultura Portuguesa. Lisboa, 1880 (edição de 1967), pp. 107-108.

<sup>77</sup> BICKERTON, Derek. The Language Bioprogram Hypothesis. In: *The brain and behavioral sciences* 7, 2, 1984, pp. 168-169; 173-176.

<sup>78</sup> BICKERTON, Derek. The Language Bioprogram Hypothesis. In: *The brain and behavioral sciences* 7, 2, 1984, p. 182.

<sup>79</sup> THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence. *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. University of California Press, Berkeley, Los Angeles, Oxford, 1991, p. 162

Ao formular a hipótese, Baker<sup>80</sup> declarou que o Mauriciano não resultou de tentativas mal-sucedidas dos imigrantes para adquirirem o francês, a língua lexificadora. Essa língua foi criada por uma comunidade plural que, com os recursos disponíveis e algumas inovações, resolveu problemas de comunicação com sucesso. Mufwene<sup>81</sup>, entretanto, critica que Baker criou situação mais equivocada ao cogitar que os escravos estavam mais interessados na criação de um MIC do que no aprendizado de qualquer outra coisa.

E, por fim, as hipóteses do *Baby Talk* e do *Foreigner Talk* que, respectivamente, definem pidgins e línguas crioulas como línguas e variedades baseadas na linguagem/fala infantil ou na dos estrangeiros. Todd<sup>82</sup> narra que, em 1876, viajantes escreveram que os falantes do pidgin inglês da costa da China e crianças usavam poucas palavras funcionais e muitas de conteúdo; era raro ou quase ausente mudança morfológica, entre outras coisas. Segundo Couto<sup>83</sup>, o termo *Baby Talk* (BT) sugerido por Bloomfield para explicar a origem de pidgins e crioulos. Ferguson<sup>84</sup> acrescentou o termo *Foreigner Talk* (FT) por considerá-lo ser mais adequado do que a ideia simplista do *baby talk*. Ambas as hipóteses inscrevem-se no contexto da simplificação linguística, uma das características mais marcantes de pidgins e crioulos em relação às línguas de superstrato ou lexificadoras.

## Considerações Finais

Ao final deste artigo, considera-se que, embora muito da vasta bibliografia da Crioulística tenha sido condensado para ser (re)visto aqui, há muito ainda para se ler e compreender a respeito dos elementos teóricos que compõem a área de estudos das Línguas Crioulas e Pidgins.

Com relação aos elementos relativos às Línguas Crioulas e Pidgins, considera-se que, face à exposição dos conceitos assentes, como pidgin e crioulos, mas processos etapas divergentes entre os estudiosos, como pidginização, crioulição e descrição, esse breve apanhado conseguiu fornecer panorama geral do estado de coisas no terreno dessa especialidade, ao mesmo tempo em que reitera a relativa juventude da área em que muitos outros estudos são ainda necessários.

Com respeito aos elementos relativos às hipóteses sobre Línguas Crioulas e Pidgins, considera-se que, como se pode constatar pelo repertório organizado, tanto as defesas fervorosas como as contestações contundentes às hipóteses exprimem, em algum grau, um pouco da presumível e desejável verdade. Assim pensando, nessas linhas finais, corrobora-se a asserção de Mühlhäusler<sup>85</sup> de que uma explicação baseada numa só causa é insuficiente, uma vez que hipóteses baseadas numa única causa podem ignorar a forte possibilidade de uma conspiração de forças diferentes.

## Referências Bibliográficas

---

<sup>80</sup> BAKER, Philip. Le Créole Mauricien: consequence heuristique d'un problème de communication dans une société plurielle? In: *VII Colloque International de Études Créoles*. Ilhas Maurício, 1992.

<sup>81</sup> MUFWENE, Salikoko. *The ecology of language evolution*. Cambridge University Press, 2001, p. 71

<sup>82</sup> TODD, Loreto. *Pidgins and creoles*. New Edition. Routledge, New York, 1992, pp. 27-29.

<sup>83</sup> COUTO, Hildo Honório do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

<sup>84</sup> FERGUSON, Charles. Absence of copula and the notion of simplicity: a study of normal speech, baby talk, foreigner talk and pidgins. In: HYMES, Dell (org.). *Pidginization and creolization of language*. Cambridge University Press, 1971, pp. 141-150.

<sup>85</sup> MÜHLHÄUSLER, Peter. *Pidgin and creole linguistics*. Basil Blackwell, Oxford, 1986.

- ALKMIN, Tânia. Tarallo, Fernando. *Falares crioulos: línguas em contato*. Ática. São Paulo, SP, 1987.
- ALLEYNE, Mervin. Acculturation and the cultural matrix of creolization. In: HYMES, Dell. *Pidginization and creolization of languages*. Cambridge University Press, 1971.
- BAKER, Philip. Le Créole Mauricien: consequence heurense d'un problème de communication dans une société plurielle? In: *VII Colloque International de Études Créoles*. Ilhas Maurício, 1992.
- BICKERTON, Derek. Creolization, linguistic universals, natural semantics and brain. In: DAY, Richard R. (ed.) *Issues in English Creoles*. Heidelberg: Julio Groos Verlag (original de 1974), 1980.
- BICKERTON, Derek. *Roots of Language*. Ann Arbor: Karoma, 1981.
- BICKERTON, Derek. The Language Bioprogram Hypothesis. In: *The brain and behavioral sciences* 7, 2, 1984.
- BICKERTON, Derek. Creole languages and the Bioprogram. In: NEWMAYER, F. J. (org.). *Linguistics*, vol II. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- CALVET, Jean-Louis. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. 4ª. ed. São Paulo: Parábola, 2002.
- CHAUDENSON, Robert. Toward the reconstruction of the social matrix of Creole Languages. In: VALDMAN, Albert. *Pidgin and Creole Linguistics*. Indiana University Press. Bloomington, 1977.
- COELHO, Adolfo. Os dialetos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 2ª série, 3: 129–196. Reimpresso in: MORAIS-BARBOSA, Jorge. *Estudos linguísticos crioulos*. Academia Internacional da Cultura Portuguesa. Lisboa, 1880 (edição de 1967).
- COUTO, Hildo Honório do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.
- COUTO, Hildo Honório do. *O Crioulo Português da Guiné Bissau*. Hamburg: Buske, 1994.
- DAY, Richard R. Decreolization: coexistent systems and the post-creole continuum. In: DECAMP, David; HANCOCK, Ian F. (eds). *Pidgins and creoles: current trends and prospects*. Georgetown University School of Languages and Linguistics, 1974,.
- DECAMP, David. The development of pidgin and creole studies. In: VALDMAN, Albert. *Pidgin and creole linguistics*. Indiana University Press. Bloomington, 1977, pp. 3-20.
- DECAMP, David. Toward a Generative Analysis of a Post-Creole Continuum. In: HYMES, Dell. *Pidginization and creolization of languages*. Cambridge University Press, 1971.
- FERGUSON, Charles A. Absence of copula and the notion of simplicity: a study of normal speech, baby talk, foreigner talk, and pidgins. In: HYMES, Dell (Org). *Pidginization and creolization of languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

GUY, Gregory R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. University of Pennsylvania, 1981.

HALL Jr., Robert A. The life-cycle of pidgin languages. In: *Lingua*, 78, 1966.

HOLM, John. *Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

LABOV, William. The notion of 'system' in Creole Languages. In: HYMES, Dell. *Pidginization and creolization of Languages*. Cambridge University Press, 1971, pp. 447-472.

LANG, Jürgen et. O Crioulo de Santiago (Cabo Verde) exotismo de aparência românica. In: *Actas do Workshops sobre Crioulos*, 1999.

LEFEBVRE, Claire; LUMSDEN, John S. Le role central de la celexification dans la genèse des langues créoles. In: *Plurilinguismes, creolistique et grammaire generative*. No. 8. CERPL, 1994.

MCWHORTHER, John H. Identifying the creole prototype: vindicating a typological class. In: *Language*. Volume 74, number 4, 1998.

MUFWENE, Salikoko. *The ecology of language evolution*. Cambridge University Press, 2001.

MUFWENE, Salikoko. Creolization is a social, not a structural, process. In: NEUMANN-HOLZSCHUH, Ingrid; SCHNEIDER, Edgar W. (eds.). *Degrees of restructuring in Creole Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 65-83, 2000.

MELLO, Heliana. Formação do Português Brasileiro sob a Perspectiva da Linguística do Contato. In: MELLO, H.; ALTHENHOFEN, Cléo V.; TOMMASO, Raso. *Os Contatos Linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MÜHLHÄUSLER, Peter. *Pidgin and creole linguistics*. Basil Blackwell, Oxford, 1986.

NARO, Anthony J. A Study on the origins of pidginization. In: *Language* 54, n. 2, 1978.

NARO, Anthony J.; Scherre, M, Marta P. Sobre as origens estruturais do português brasileiro: crioulição ou mudança natural? In: *PAPIA*, vol. 11. Universidade de Brasília. Thesaurus Editora, 2001.

ROMAINE, Suzanne. *Pidgin and creole languages*. Londres, Longman, 1988.

ROUGÉ, Jean-Louis. A propos de la formation des créoles du cap vert et de guinée. In: *PAPIA. Atas do colóquio sobre crioulos de base portuguesa e espanhola*. Vol. 3, número 2. Brasília, Thesaurus Editora, 1994.

SIEGEL, Jeff. Mixing, leveling, and pidgin in creole development. In: SPEARS, A.K.; WINFORD, D. (editors). *The structure and status of pidgins e creoles*. Vol. 19. Creole Language Library. John Benjamins Publishing Company, 1997.

TARALLO, Fernando; ALKMIN, Tânia. *Falares crioulos; línguas em contato*. Editora Ática, São Paulo, 1987.

TAYLOR, Douglas. Grammatical and lexical affinities of criouls. In: HYMES, Dell (Org). *Pidginization and creolization of languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1956.

THOMASON, Sarah G. A typology of contact languages. In: SPEARS, A. K.; WINFORD, D. *The structure and states of pidgins and creoles*. Amsterdam: John Benjamins, 1997.

THOMASON, Sarah G.; KAUFMAN, Terrence. *Language contact, creolization, and genetic linguistics*. University of California Press, Berkeley, Los Angeles, Oxford, 1991.

THOMASON, Sarah G.; KAUFMAN, Terrence. Contact-induced language change: possibilities and probabilities. In: *Akten des essener kolloquiums über kreolsprachen und sprachkontakte*. Bochum: Brockmeyer, 1986.

TODD, Loreto. *Pidgins and creoles*. New Edition. Routledge, New York, 1992.

TSUZAKI, Stanley. Coexistent systems in language variation: the case of Hawaiian English. In: HYMES, Dell. *Pidginization and creolization of languages*. Cambridge University Press, 1971.

WHINNOM, Keith. Linguistic hybridization and the 'special case' of pidgins and creoles. In: HYMES, Dell. *Pidginization and creolization of languages*. Cambridge University Press, 1971, pp. 91-115.

WHINNOM, Keith. *Spanish contact vernaculars in the Philippine islands*. Hong Kong & Oxford University Press, 1956.

**Artigo recebido para publicação em:** junho de 2019.

**Aprovado para publicação em:** agosto de 2019.